

# DA CRISE DA GUERRA CONVENCIONAL À GUERRA HÍBRIDA, SOB OS AUSPÍCIOS DOS FALSOS “PRÍNCIPES”

## A crise da guerra terrestre

No artigo anterior<sup>1</sup>, comecei a abordar o que designei por “crise das guerras”, ideia que fundamentei nas profundas alterações verificadas, no plano das operações terrestres, durante os conflitos militares ainda em curso – fundamentalmente o da Ucrânia e bastante menos o do Médio Oriente. É minha convicção que o quadro que já é conhecido ainda irá evoluir tecnologicamente, mas a simples constatação da **total visibilidade do campo de batalha** parece-me um dado sem retorno.

Explico melhor: o aparecimento dos veículos aéreos não tripulados, ou drones, que, além de poderem atacar alvos transmitem imagens do território (ou mar) que sobrevoam, pode ser comparado com o efeito produzido pelos fogos de metralhadora ao iniciar-se a 1.ª Guerra Mundial. Esse efeito foi de tal modo devastador que, logo após a batalha do Marne (5-12 de Setembro de 1914), os dois blocos inimigos tiveram que proteger-se da superioridade do FOGO, acolhendo-se à PROTECÇÃO das trincheiras. Tratava-se, como noutras ocasiões, da emergência da superioridade de um dos **Elementos Essenciais de Combate** (EEC) relativamente aos demais, superioridade essa que os responsáveis procuraram diminuir logo que possível. A solução encontrada – o carro de combate ou ‘tanque’ – fez o seu aparecimento na batalha do Somme, em Setembro de 1916, decorridos 2 anos de guerra.



A blindagem dos carros de combate, resistente aos projectéis das armas ligeiras e aos estilhaços da artilharia, iria reequilibrar os EEC, proporcionando mais PROTECÇÃO ao MOVIMENTO e aumentando grandemente o poder de CHOQUE. Com tudo isso, recuperou a “manobra”, nunca pondo em causa os Princípios da Guerra.

Actualmente, o que está em causa não se resume ao reequilíbrio dos EEC, face à letalidade dos drones. Para “blindar” a visibilidade do campo de batalha e poder reactivar os princípios da SURPRESA e da MASSA, seria necessário inventar uma forma de CEGAR os drones. Presumo que tal não é possível a curto prazo – ou, mesmo, que nunca será possível –, assim se justificando o ter empregado a expressão CRISE DA GUERRA para classificar as dificuldades operacionais do

<sup>1</sup> DAS “OPERAÇÕES MILITARES ESPECIAIS” GENIAIS E DA INESPERADA “CRISE” DAS GUERRAS.

presente. A mesma sensação de ‘fim de linha’ se aplica ao conceito de ‘superioridade aérea’, indispensável à generalidade das operações ofensivas terrestres. Hoje, parece que o conceito deixou de ter o mesmo significado que tinha no passado, porque os enxames de drones estabelecem uma partilha completa e tendencialmente equilibrada do espaço.

As dificuldades assinaladas têm provocado situações de IMPASSE que autorizam a ideia de que *a superioridade táctica não garante a superioridade estratégica*. Todavia, consultando a história, concluiremos que não é a primeira vez que tal sucede. Muitas das chamadas guerras assimétricas (as guerrilhas das guerras coloniais, por exemplo) apresentavam estas características. Assim, quando alguém com poder para tal permitir a consagração de um 6.º EEC, talvez se considere ajustado acrescentar algo como a VONTADE DE RESISTIR. Napoleão Bonaparte já nos tinha dado uma aproximação a esta ideia quando afirmou que, “*na guerra, o moral está para a força como 3 para 1*”.

Apesar do mais recente insucesso militar ter cabido aos EUA, com a descabelada presunção de mudar um regime político com ataques aéreos, importa reconhecer que a ‘grande vítima’ das surpresas da guerra moderna tem sido a Federação Russa. Toda a campanha que se iniciou em 24-02-2022 constitui para os estudiosos da guerra um exemplo de sucessivos enganamentos e consequentes surpresas, nada que fosse expectável num regime liderado por um antigo oficial do KGB. Tudo o que, no plano operacional, foi feito no eixo que sustentou a ofensiva contra Kiev, em 2022, merece a classificação de incompetência militar, o que, inevitavelmente, nos transporta para os insucessos russos nas batalhas de Tsushima<sup>2</sup> (1905) e de Tannenberg<sup>3</sup> (1914). Recordar as longas colunas de carros de combate e outros blindados, “presos” ao asfalto, por não poderem circular nos terrenos lamacentos que as bordejavam, é penoso e completamente incompreensível.



Esta primeira fase da guerra na Ucrânia é comparável à ‘guerra de movimento’ que, em Agosto de 1914, proporcionou ao exército alemão a invasão da França, após violação da neutralidade da Bélgica. Em ambos os conflitos, quando o FOGO impôs a sua superioridade, o MOVIMENTO foi-se reduzindo e os beligerantes viram-se forçados, progressivamente, a procurar a PROTECÇÃO das trincheiras. No caso da Ucrânia, a posterior intensificação do emprego de drones não acabou com o recurso às trincheiras. Apenas implicou uma muito maior profundidade da chamada “terra de ninguém”, espécie de ‘zona de morte’ onde morrem os que vestem uniforme.

---

<sup>2</sup> V. neste blogue em Militar – Guerra Naval – 1905 - A BATALHA DE TSUSHIMA.

<sup>3</sup> V. neste blogue em Militar – 1.ª Guerra Mundial – AGOSTO DE 1914 A ORIENTE – DO INÍCIO DA GUERRA À BATALHA DE TANNENBERG

É aí que estamos no tocante à ‘guerra convencional’, na sua versão terrestre.

Percebe-se que uma potência nuclear como a Federação Russa não conviva facilmente com a ideia de uma guerra interminável contra um Estado que, nas palavras de Vladimir Putin, “nem é um país”, constituindo um ‘regime de nazis’ e liderado por um ‘comediante’. A diminuição severa do apoio dos EUA, decretado por Donald Trump, que devia ter constituído um rude golpe na resistência ucraniana, ao não ter sido suficiente para o almejado golpe final no regime de Kiev, ainda tornou mais penalizante o impasse existente, implicando o recurso a outras formas de luta.

### **Sem doutrina**

Com as transformações verificadas após mais de 4 anos de guerra (desde 4 de Junho que o conflito se tornou mais extenso do que a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial), não seria viável, presentemente, repetir uma invasão como a de 2022. Creio mesmo que uma mera tentativa académica para “refazer” o planeamento da invasão da Ucrânia revelaria uma quase completa incapacidade doutrinária para conceber a simples questão da “marcha para o contacto”. Isto, claro, se se mantivesse o objectivo da ocupação do terreno, acção para a qual parece indispensável a clássica utilização da infantaria (humana e/ou robótica). Esta referência não se destina a esquecer o tipo de atrito operacional presentemente em curso na frente militar. Destina-se, sim, a enfatizar as dificuldades que hoje se colocariam para COMEÇAR uma guerra de invasão/conquista. É esta dimensão doutrinária que está em CRISE profunda.

### **Outras formas de luta**

A Europa – União Europeia e outros países europeus membros da OTAN – desde o início da guerra que declarou a sua neutralidade-colaborante com a Ucrânia, incluindo abertamente o fornecimento de armas e munições. A inerente não-beligerância foi, no entanto, compensada pela adopção de ‘outras formas de luta’, das quais as de maior amplitude tomaram a forma de sanções de natureza económica e financeira. Como, antes da invasão de 2022, eram fortes as relações económicas entre os países europeus e a Federação Russa, o progressivo abandono dessas relações tem sido muito penalizador para o governo de Moscovo. Vista do Kremlin, a Europa tornou-se no principal inimigo da Federação Russa. Assim, à simpatia que Putin e Trump nutrem um pelo outro soma-se a profunda desafeição que ambos sentem pelo projecto europeu. São aliados naturais – eles, não os países, claro. Não surpreende, por conseguinte, que, da parte de Putin, haja uma vontade firme de causar os danos possíveis à Europa, através de várias medidas que vão sendo classificadas como fazendo parte de “outra forma de luta” – uma ‘guerra híbrida’. Trump, estando acordado, sorri.

Deste tipo de guerra, além das sanções atrás referidas, fazem parte acções de ciberguerra, de guerra electrónica, de sabotagem e campanhas de desinformação, que, naturalmente, a Federação Russa tem procurado activar contra os países europeus, o que inclui o nosso país. Este tipo de ameaças, já detectado claramente em vários países europeus, implica uma intensa vigilância, para a qual se devem preparar as Forças de Segurança e as próprias Forças Armadas.

### **Os falsos ‘Príncipes’**

Quando Maquiavel afirma que “o fundamento de todos os Estados reside numa boa milícia, e, onde esta não existe, não podem existir boas leis nem nenhuma outra coisa boa”<sup>4</sup>, pretende salientar que a guerra é uma questão política, ou melhor, que é a questão política por excelência. E, para que não restem dúvidas, sublinharia, noutra obra, que “é dever de um príncipe [...] não ter

---

<sup>4</sup> *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, Livro III, cap. 31.

outro objectivo nem outra preocupação nem ocupar-se do que quer que se situe fora do âmbito da guerra e da sua preparação e conduta, porque ela é a única arte destinada aos que lideram.”<sup>5</sup> Quinhentos anos volvidos, está hoje o mundo suspenso da arrepiante mediocridade dos três falsos ‘príncipes’ – Putin, Trump e Netanyahu – que, aliando poderio militar com um inaudito desprezo pela Arte da Guerra, se encontram atolados em guerras que escolheram, contra adversários menores, e das quais não conseguem sacar a vitória nem uma saída airosa.

Situações de impasse numa guerra longa tendem a gerar DESESPERO. Trump, não sendo oficialmente ditador (tem o seu prazo de validade devidamente definido – 20-01-2029) e não se lhe conhecendo sentimentos de honra ou de vergonha, há-de arranjar maneira de declarar um qualquer tipo de vitória. Putin e Netanyahu, líderes de sistemas políticos extremistas, já têm em prática a sua forma desesperada de prosseguir a guerra: alvejar zonas urbanas, para matar civis e triunfar pelo terror.



1) Imagens de drones ucranianos sobre coluna russa



2) Autotanques russos destruídos por ataques ucranianos (Junho de 2026)

As últimas notícias da guerra na Ucrânia dão conta da réplica ucraniana contra alvos profundos no território da Federação Russa, designadamente contra refinarias, estruturas industriais e logísticas. Mais recentemente, os ataques ucranianos com drones têm privilegiado os meios móveis em itinerários de reabastecimento, especialmente os que ligam a Crimeia ocupada a Moscovo (estrada R-280, ver fotos). O simples facto de a Crimeia ser uma região excêntrica em relação à Federação Russa, implicando longos trajectos para os meios de transporte, com escassa cobertura antiaérea, torna-a particularmente vulnerável, o que, para o Kremlin, deve acentuar o sentimento de desespero.



<sup>5</sup> *O Príncipe*, cap. XIV.

Estes últimos acontecimentos não significam que a Ucrânia está a ganhar a guerra. A grande superioridade de meios da Federação Russa não permite tal conclusão. Significam, sim, que a CRISE actual manifesta-se, entre outras consequências, na quase IMPRATICABILIDADE de alcançar a VITÓRIA, isto é, de fazer da guerra, como dizia Clausewitz, uma forma de obter resultados políticos inalcançáveis pela diplomacia. Mas esses desenvolvimentos, muito humilhantes para uma potência nuclear, deveriam conduzir à vontade de fazer a paz, como sucedeu aos EUA relativamente à Guerra do Vietname. Distraídos que estamos com o ‘bombismo’ em curso no Médio Oriente, parece não nos apercebermos do risco de escalada que se perfila no Leste da Europa, cenário facilitado pela atitude do governo de Washington ao distanciar-se dos aliados da OTAN. Sermos devotadamente a favor da paz pode muito bem não nos livrar dos sofrimentos de uma guerra.

*O nosso continente europeu está sob ataque militar da Rússia,  
económico da China e político dos Estados Unidos.*

Timothy Garton Ash

@BBCRadio4  
“Westminster Hour” - 11-01-2026

David Martelo – 11 de Junho de 2026